

O Estado e a dÃ-vida social

08-Mar-2010

OpiniÃo

Texto de Maria da GraÃsa M. PintoÃ

Na semana que agora finda, os trabalhadores da funÃsÃo pÃblica estiveram em greve contra o congelamento de salÃrios.

Os detractores deste protesto invocam dois argumentos essenciais para o condenar! O difÃcil momento que o PaÃs atravessa e os alegados privilÃgios de que usufruÃam os trabalhadores do sector pÃblico.

SÃo ambos improcedentes!

Ã Os argumentos que se prendem com a difÃcil situaÃsÃo econÃmica do PaÃs sÃo recorrentes. Antes, era o objectivo do dÃfice zero, depois a crise e agora, a saÃde das contas pÃblicas e a recuperaÃsÃo econÃmica.

Em nome dos ditames da UniÃo Europeia os Governos do centrÃo tÃm imposto sucessivos sacrifÃcios aos trabalhadores da administraÃsÃo pÃblica que viramÃ as suas condiÃsÃes de vida degradarem-se nos Ãltimos anos.

NÃo se trata de reivindicar privilÃgios, mas de lutar por condiÃsÃes de vida decentes. Por outro lado, Ã sabido que as conquistas dos funcionÃrios pÃblicos tÃm reflexos na situaÃsÃo laboral de todos os trabalhadores do sector privado, com particular destaque para as questÃes salariais.

Os trabalhadores tÃm razÃes para desconfiar! De hÃi anos queÃ se habituaram aos apelosÃ a novos sacrifÃcios, com a promessa de que o fim das dificuldades estÃ para breve, e continuam sem ver a luz ao fundo do tÃnel.

Os cidadÃos portugueses, como os gregos que, nesta semana saÃram Ã rua para protestar contra as medidas de austeridade,Ã estÃo cansados de serem os bodes expiatÃrios dos problemas econÃmicos e financeiros do seu paÃs, ao mesmo tempo que o sector financeiro nÃo pÃira de ter lucros chorudos e que alguns gestores e administradores de empresas pÃblicas e privadas auferem de salÃrios escandalosos.

EstÃo fartos de constatar que, apesar dos seus sacrifÃcios, as crises persistem, prova cabal de que, de facto, sÃo outras as razÃes que estÃo na base das dificuldades econÃmicas e financeiras

Portugal Ã dos paÃses europeus com menos justiÃsa social. Segundo dados da ComissÃo Europeia, a taxa de risco de pobreza e as desigualdades na distribuiÃsÃo dos rendimentos sÃo das mais elevadas na UniÃo e o desemprego e a precariedade aumentaram exponencialmente.

O Estado tem uma enorme dÃ-vida social por liquidar!

O principal problema a ultrapassar nÃo Ã o das contas pÃblicas, mas o atraso econÃmico, os baixos salÃrios, as pensÃes de misÃria e a corrupÃsÃo. NÃo Ã possÃvel promover o desenvolvimento num clima de

desmotivação e descrença por parte de quem produz riqueza. Não é
exequível qualquer recuperação económica assente no desrespeito por quem
trabalha!

no viseumais.com